

INDIOS ARARAS

CEDI - P. I. B.
DATA 03.07.86
COD. AR.D41

I- População Atual:

<u>Araros do sul</u>	- contato em fev./81	- 56 Índios
óbitos na época do contato	- 07 Índios	
" após contato	- 01 Índio	
nascimento " "	- 03 Índios	
		<u>pop. atual - 51 Índios</u>

<u>Araros do norte</u>	- contato em jan./83	- 20 Índios
óbitos	- não houve	
nascimento	- 01	
		<u>pop. atual - 21 Índios</u>

II- Aspecto Físico:

de estatura mediana e pele clara, relativamente, os Índios Araras apresentam robustez e força, compatíveis com a própria necessidade de sobrevivência na mata.

Os calelos, bem desbastados em forma de cuia, envolvem a cabeça. As sombrancelhas raspadas fazem realçar os olhos pequenos e rasgados de aparência mongólica.

As orelhas furadas sustentam pequenos brincos de pau ou pena. O nariz, furado ainda na infância (por volta dos sete anos) na altura do septo, recebe um palito que o trespassa - tanto nos homens quanto nas mulheres.

Adornam o corpo, até dos bebês, com a tinta preta do genipapo. Os homens, além da pulseira que protege da corda do arco, usam braçadeiras vermelhas, tecidas pelas mulheres. Estas, usam fios de algodão no tornozelo e todos, sem excessão, usam várias voltas de colares de miçanga, rente ao pescoço. Usam também colares de dentes de macaco.

A partir de um certo momento na infância (Também por volta dos sete anos), os homens passam a revestir o pênis, na ponta, com um fio de palha de babaçu. - "Ienpen men" (o mesmo nome é dado para calção)

III- Situação Atual da Terra:

Tradicionalmente, os Araras ocupavam a região oeste de Altamira, das imediações do Rio Penetecau até as margens do Rio Iriri - este último, um dos formadores do Xingu. Com a construção da Rodovia Transamazônica e consequente ocupação colonizadora, este terri-

tório foi seccionado, confinando-os a duas estreitas áreas - uma ao norte, outra a sul da Rodovia.

Após sucessivos conflitos entre os índios e os elementos das frentes pioneiros, foi decretada a interdição da área sul, segundo a Portaria nº 528 de 30 de set. de 1978, para que fossem realizados trabalhos de aproximação. (*)

No norte, a interdição foi mantida, de fato, desde 1980, no entanto, o Decreto que a legitima foi sancionada a 04 de janeiro de 83.

Cabe lembrar, que, na prática, ambas as áreas são constantemente fiscalizadas, já que não são raras as penetrações de colonos de terra ou exploradores de gato e minério,

São 4 os Postos de assistência sob coordenação desta Frente, a saber: Posto Penetecau - na área norte, na beira do Igarapé Pium

Posto de Vigilância I - ao fim da vicinal do Km 120 da Rodovia Transamazônica.(sul)

Posto Laranjal - área sul, fica às margens do Rio Iriri.

Posto Iriri - bem acima no Rio Iriri, desenvolve-se trabalhos de aproximação com índios desconhecidos - possivelmente Curuayás.

No momento atual, esta é a situação. Está sendo estudada a possibilidade de expansão para oeste da área sul, visando a compensação pela perda de terra relativa à significativa inundação, em consequência da construção de hidroelétricas no Rio Xingu. Por outro lado ainda, faz-se necessária a interdição de outra área a oeste (v. mapa), onde vêm sendo efetuados trabalhos de aproximação de outro grupo arredio desde julho de 1980 - Posto Iriri- Este trabalho se encontra em fase de troca frequente de brindes.

IV- Saúde:

Diferentemente do sul, os Araras do norte foram contatados em estado bastante precário de saúde. Magros, debilitados pelas constantes perseguições e invasões de seu território, estes índios não contavam com número suficiente para estabelecer confronto, nem mesmo para se defenderem. No árdua tarefa de sobrevivência, viviam escondidos debaixo das matas, sem poderem inclusive cultivar suas roças, que estavam em situação de quase abandono.

O contato, neste caso, trouxe a possibilidade de sobrevivência para o grupo. Sub-nutridos, vários deles apresentavam anemia e malária. A assistência médica e alimentar imediata proporcionou-lhes um melhor estado de saúde, já tendo sido vacinados de sarampo, pólio, BCG e DPT. É interessante ressaltar que não houve óbitos pós-contato. Ao contrário, o grupo conta com mais um elemento nascido recentemente. (Relatórios disponíveis na Divisão de Saúde - Funai/BSB)

(obs.: os Araras do sul se encontram com o esquema de vacinação completo)

Processos Próprios de Cura - os Araras utilizam cipós e cascos de árvores para banhos, quando doentes. Tanto os homens quanto as mulheres adultos efetuam massagens e sopram o local dolorido do doente, em concentração, como se estivessem rezando. Não sabemos, entretanto, se evocam alguma força divina nesse rito de cura. Costumam também incensar a rede com o doente, usando uma espécie de resina.

Hoje, os índios já aceitam bem a medicação administrada pelos atendentes dos postos, a eles recorrendo principalmente nos casos de gripe e febre. Tem sido de grande valia a administração de tintura de alho, limão e mel, copoíla e mastruz, na prevenção da gripe.

obs.: no Posto Laranjal, é grande a incidência de malária - vivax e falsocíparo -. A SUCAM tem prestado assistência frequentemente, tanto no borriço das casas quanto no exame das lâminas e fornecendo a medicação adequada.

V - Modo de Vida:

os índios Araras moram em grupos familiares, em grandes casas cobertas da palha do babaçu. Próximo a elas, trabalham suas roças, tanto homens quanto mulheres, onde plantam mandioca, macaxeira, banana, caná, mamão, algodão, urucum, bambu para flecha, croá (fibra), batata doce e abóbora.

Saem em grupos de homens, ou mesmo acompanhados de suas famílias para a caça e coleta de frutos da mata, tais como uxi, açaí, bacaba, castanha, piqui etc. Extraem também mel de abelha. Os homens utilizam o arco e a flecha para a captura do macaco, veado, caititu, queixada, mutum, jacu, jacamim, araras e urubus. As mulheres caminham atrás, carregando o fruto da caça, além dos filhos e animais domésticos. (Quando filhotes, capturados com vida, os animais são domesticados, principalmente macacos e micos.) É também no manejo do arco e flecha que obtém peixes para seu sustento. A pesca de timbó também é conhecida dos Araras.

Hábitos alimentares -

Os Araras costumam dividir a caça com critério. O índio mais velho faz a partilha, entregando a cada unidade familiar o seu pedaço. aos casais mais jovens, calem as partes mais magras - pés, rabos e cabeça -, assim como costumam discriminar os parentes, se estão muito doentes. A estes, não cedem coisa alguma, como se a doença, quando grave, fosse já um estágio para a morte.

Cada mulher assa uma parte, com pele e pelo, que é degustada de imediato pela família. São muito salgadas as vísceras do macaco assadas, jabutis assados no fogo, bem como os cornes em estado

de putrefação, dias após a sua caça.

Da outra parte, é feito um grande cozido, que é oferecido comunalmente a todos as famílias, reunidas no pátio. Homens de um lado, e mulheres e crianças de outro, são ainda os homens mais velhos que distribuem o alimento aos demais familiares.

Da mandioca braba, fazem farinha e beiju.

A macaxeira é cozida e fermentada durante alguns minutos na boca, e jogada em grandes caldeirões de água para o preparo da bebida de nome "pitú".

Apreciam, da mesma forma, a bebida feita de milho, que é torrado, pilado, descascado e igualmente deixado na boca por um tempo para a fermentação.

Outra bebida é feita no olho da palmeira de inajá. Para a sua feitura, solem num árvore próxima ao inajá, colocam outra atra-vessada como uma ponte, atingem o cume da palmeira, que cavam, até formar uma grande cuia. Ai, jogam água e cascas mastigadas para a fermentação. Dias depois, retornam lá carregando grandes tabocas que são enchedas com o auxílio de pequenos bambus, como canudinhos, e levadas para a aldeia. Não raro, solem mulheres carregando suas crianças para colher a bebida, de nome "Aramicô". Outras vezes, podemos observar os índios, semi-embriagados, empuleirados nas palmeiras.

Estas bebidas são ingeridas com frequência, independentemente das celebrações.

Os Araras gostam também de tubérculos assados, e fazem ainda bebida de banana e mel.

Nascimento -

As mulheres Araras têm seus filhos sozinhas. Acocoradas, perto de um pau que às vezes lhe servem de apoio, trabalham suas costurações, parem no chão, e cortam o cordão com uma taboca afiada ou ponta de flecha. Depois vão para a rede, descansar. Algumas horas após, caminham para o igarapé, onde se banham, juntamente com o recém nascido, de quem só se separarão quando estiverem crescidos, andando independentes.

Casamento -

Os índios são polígamos e o casamento se dá muito cedo. Desde que nascem, as meninas são prometidas a seus futuros maridos, e por volta dos 7 a 9 anos, já acompanham-nos na vida e no trabalho doméstico. Não foi observado, contudo, algum ritual de casamento ou passagem à puberdade.

Morte -

Os Araras não costumam enterrar seus mortos. De maneira geral, constroem um pequeno tapiri, com um fírâu onde depositam o cor-

po, envolvido na rede. Por cima, colocam alguns de seus pertences, como o arco e flechas. Por fim, cobrem-no de palha, deixando ainda comida e água sobre o envoltório. Em baixo do jirau, acendem um pequeno fogo, e outro também, na chegada do tapiri. Este último fogo é reacessado por vários dias e noites subsequentes, quando choram seus mortos, evocando seus nomes, como um canto.

Passados estes dias, não mais mencionarão seus nomes.

Festa.-

A volta de um grupo, após dias de caçada, geralmente se dá em festa. Os que ficam, preparam muita bebida, enquanto os que chegam se reúnem na mata, fazem flautas e se preparam para a festa do reencontro.

No primeiro momento, mostram indiferença com relação aos recém-chegados. Aos poucos, contudo, vão se aproximando e trocando palavras. Então, oferecem bebida e comida e promovem danças que se estendem pela noite e dentro. Estas festas podem durar dois ou três dias ininterruptos, entre conversas, comidas, cantos e bebidas.

Os Araras têm três tipos de Flautas. Usam 3 ou 4 pequenas tabocas, como flauta de pã, que emitem os sons mais agudos, e 2 luzinas, feitos de tabocas maiores, que ressoam os sons mais graves. Batendo o pé direito no chão, "marcham" executando basicamente uma só música com algumas variações. A flauta de pã tecê uma melodia, entre cortada das luzinas, em contraponto.

Normalmente, andam nus e pintados com genipapo. Entretanto, para as festas, costumam, além da pintura habitual, traçar um risco à testa, vermelha de urucum - alguns homens - além de usarem cocores de penas ou perucas de palha ou até mesmo chapéus, à moda civilizada. Estas perucas de palha também foram observadas nos ataques (momentos de guerra -? -)

obs.: os Araras usam roupas, eventualmente. No princípio, gostaram de vestir-se com várias roupas, umas sobre as outras. Agora, porém, utilizam camisa, como proteção para o pium. Outras vezes aparecem vestidos sem motivo algum.

Artezanato -

Talvez pela própria condição precária de sobrevivência, os Araras não confeccionam com maior cuidado seu artesanato. Usam coités e rudes cestos de palha, quando não panelas e objetos plásticos como utensílios.

Os homens preparam seus arcos e flechas, além de cocores em plumária.

As mulheres tecem o algodão, e fazem suas redes. Confec-

cionam bolsas de fibra, onde carregam mandioca, caça e utensílios, nas costas, apoiadas na cabeça. Desde pequenos, carregam pesados fardos, fazendo com que tenham uma marca horizontal pelo meio da cabeça.

De fato, não se tem notícia do uso de cerâmica pelos índios Araras.

Obs.: Os Araras já se iniciam no exercício da troca - "opontagah" -.

Fazem braçadeiras, bolsas, e começam a produzir farinha com a finalidade de obterem lanterna, pilha, e outras facilidades do mundo civilizado.

VI- Língua:

Após dois anos e meio do primeiro contato, e com o auxílio dos índios Wai-wai, já se tem em uso, um vocabulário bastante extenso, principalmente de substantivos concretos e expressões coloquiais. No entanto, pouco se sabe ainda sobre suas crenças, regras, mitos, e mais profundamente, sua história.

Por três meses, atuou junto à Frente de Atração Arara o linguista Isaac Costa e sra., pertencentes ao Summer Institute of Linguistics, que através de seus métodos eficazes, pode analisar mais detalhadamente a estrutura da língua Arara-Karib-, assim como estender poderosamente o vocabulário conhecido. (Relatórios à disposição na Funai - BSB ou no SIL)

(*) Extensão da área norte - 46.232 ha
da área sul - 235.600 ha (dados atuais)

Rita Carneiro
Atm, outubro /83